

Palestra do Guia Pathwork® n° 072
Palestra Não Editada
28 de outubro de 1960

A RESPEITO DO MEDO DE AMAR

Saudações, meus queridíssimos amigos. Eu lhes trago bênçãos. Abençoada seja esta hora.

Muitas das coisas que discutimos nos últimos meses lhes ajudaram a ter maior insight sobre si mesmos, provando mais uma vez quanto os seus conceitos, atitudes e ideias inconscientes são contrários aos conscientes. Quando alcançarem compreensão um pouco mais ampla sobre este reconhecimento, descobrirão que em última análise, é sempre uma questão de amor. Sua necessidade de amor e a falta dele é o resultado da experiência da criança que existe dentro de vocês. Perceber isso vai esclarecê-los sobre a maneira como se tornam carentes onde existem conflitos e conceitos errôneos.

Como todos sabem pelo menos teórica e intelectualmente, o amor é o maior poder no universo. Todo ensinamento ou filosofia espiritual, toda religião e até mesmo a psicologia moderna proclamam esta verdade. O amor é o único poder. Com ele você é poderoso, forte, está seguro. Sem ele é pobre, está separado, isolado e medroso. Entretanto, este conhecimento não ajudará de verdade até que descubra no fundo de si mesmo, onde não pode amar, onde não quer amar e porque resiste ao amor. Sem este conhecimento específico, a grande e eterna verdade sobre o amor permanece como um ideal inatingível, que não conseguirá aplicar à sua pessoa ou à sua vida neste momento.

Aqueles meus amigos, que realmente trabalham neste caminho e progridem em sua busca interior, depois de muito escavar e explorar descobrem o medo de amar. Aqueles que realmente trabalham construtivamente tornaram-se totalmente conscientes de que o medo existe. Este é realmente um bom progresso, pois sem a percepção, os passos seguintes não podem ser dados. Eu digo mais uma vez, não é suficiente estar teoricamente consciente do medo. Você tem que realmente experimentar estas emoções. A maioria das pessoas que não deseja se conhecer, não está nem mesmo consciente desse medo interno.

Entretanto, mesmo os que finalmente se conscientizaram do conflito ainda não entenderam totalmente porque têm tanto medo de amar. Sim, vocês realmente encontram algumas respostas, mas a maior parte das respostas ou são deduções lógicas e teóricas, ou são emoções apenas vagamente sentidas. Isto não é suficiente. Portanto, eu gostaria de discutir alguns aspectos deste tópico. De forma alguma isto será tudo o que se pode dizer sobre o assunto. Deveremos retornar a este problema básico no futuro e iluminá-lo de outros ângulos.

Sabemos agora, que aqueles que não podem amar são imaturos. Imaturidade causa irrealidade. A irrealidade sendo falsa, forçosamente causa infelicidade e conflito, escuridão e ignorância. Assim, maturidade é realmente a habilidade de amar. Também discutimos que a criança interna requer uma quantidade ilimitada de amor. A criança é tão irracional, desprovida de compreensão, exigente e parcial quanto qualquer criatura imatura. Suas necessidades impossíveis são: ser amada por todos, totalmente amada, ter todo desejo gratificado instantaneamente e ser amada apesar de sua irracionalidade e egoísmo. Neste fator está a razão pela qual vocês têm medo de amar.

Já que a criança interna deseja a completa entrega do outro, certa de que isso significa amor, como não resistir à entrega total de si mesma? A criança interna faz com que vocês desejem reinar supremos sobre aqueles que devem amá-los e assim se tornam nada menos que escravos submissos.

Há também momentos e aspectos em si mesmos através dos quais se tornam escravos submissos. (Isto não deve ser tomado literalmente; pois se refere somente a certas reações emocionais). Isto acontece se o amor, a aceitação e o acordo de uma pessoa específica tornam-se uma necessidade, ao mesmo tempo em que percebem que essa necessidade talvez não seja gratificada. No medo de rejeição e derrota, essa submissão parece ser a única forma de conseguir o que querem. Como certos aspectos externos de tal comportamento submisso, parecem na superfície de fato amor verdadeiro é fácil especialmente nesse estado sombrio, enganar a si mesmos e acreditar que quando se submetem é porque amam de verdade.

Em outras palavras, muitas vezes criam inconscientemente seu próprio conceito interno do que é o amor, que se equipara pelo menos em sua aparência externa aos conceitos gerais de amor, ensinados por algumas religiões e filosofias. Parece-lhes que quando se submetem, não estão sendo egoístas e estão oferecendo um sacrifício. Parece-lhes que a outra pessoa é o centro do seu mundo. Apesar de isso ser verdade até certo ponto, não é verdade em essência. Na verdade você é o centro. Sua preocupação é convencer o outro a lhe amar conforme seu conceito infantil. Ele ou ela tem que venerar você, obedecer a todos os seus caprichos, desistir de seu próprio autodirecionamento e ser governado(a) pela criança dentro de si, que chora internamente quando seu desejo é menosprezado. Assim, é de se admirar que com esta exigência inconsciente em sua psique você tenha medo de amar? Como seu conceito é o de que amar significa submeter-se como um escravo, e sendo inconsciente, este conceito é ainda mais poderoso, você não deseja amar. Não deseja seguir a vontade de outra pessoa. Não deseja desistir de sua autonomia, submetendo-se a ser dirigido por outra pessoa.

Portanto, somente quando reconhecer sua própria distorção infantil inconsciente sobre o amor é que será capaz de perceber ou reconhecer as exigências infantis da outra pessoa. Tornar-se-á então, imune à sua influência e não se sentirá obrigado a se render, nem se sentirá culpado por não fazê-lo. Verá claramente que nesse caso, outro tipo de amor, de aspecto muito mais desapegado, pode ser oferecido.

Também, quando descobre e experimenta a existência das exigências injustas da sua criança, pode argumentar com ela. Perceberá que esse conceito errôneo de amor não tem nada a ver com o verdadeiro amor. Uma vez que compreenda isto, não terá mais medo de amar. Quando perceber que amar não significa desistir da dignidade, do autogoverno e da liberdade, não terá mais medo de amar. Se não fizer exigências infantis, portanto, for gradualmente capaz de amar de forma madura, então vai esperar ser amado da mesma forma. Este modo de amar não traz perigo. Nele você permanece

livre. Você não se torna um escravo. É simples e lógico assim. Quando abandonar a ideia infantil de como os outros deveriam lhe amar, não temerá amar os outros.

No processo gradual de crescimento e maturidade não experimentará imediatamente o grande e envolvente amor que sua alma busca. Pois é um dos conflitos da alma, o anseio por esse amor e ao mesmo tempo, se esconder dele por medo. Outra vez a criança interna só conhece os extremos. É a grande altura, a meta final, ou nada. Quanto mais a psique empenhada se esforça e encontra oposição a seus instintos saudáveis, mais clamará por ser ouvida. Isto se manifesta num vago sentimento de descontentamento, como se faltasse algo. Você não sabe o que. Uma parte de sua psique sabotava as exigências razoáveis da outra parte. Como você não é capaz de alcançar a meta final, se retrai totalmente. Isto se deve não somente à atitude de “ou/ou” da sua parte imatura, mas também a uma tendência da alma humana para a dramatização. Se o grande drama não é possível, então você se retrai de vez.

Com crescente maturidade, perceberá que só poderá alcançar a realização final do amor começando pelos degraus inferiores da escada. Talvez um dos primeiros passos seja adquirir a habilidade de permitir que as outras pessoas sintam por você o que desejarem. Se esta “permissão” interna for dada genuinamente, aprenderá a desistir de sua vontade sem se tornar hostil; alcançará um ponto em que poderá realmente gostar e respeitar os outros, mesmo que não se submetam totalmente à sua vontade. Isto não parece muito. Na verdade, muitos de vocês acreditam que têm praticado isto o tempo todo. Mas têm feito isto real e verdadeiramente? Quando as coisas derem errado, testem suas emoções. Se analisarem esses sentimentos e descobrirem que sua criança está funcionando a toda velocidade, terão as ferramentas para trabalhar neste aspecto em particular. Sentirão uma reação emocional totalmente nova, na medida em que aprenderem a abandonar esta sutil corrente de força. Vocês se sentirão como se uma carga pesada tivesse sido removida. O próximo passo é se liberar da antes desconhecida hostilidade da qual se torna consciente neste trabalho. Quando fizer isso, descobrirá um novo amor e um novo respeito por aqueles cuja “rendição incondicional” inconscientemente desejava e a quem certamente não amava nem respeitava quando esta rendição não se tornava evidente. Uma atadura apertada terá se soltado; e então deixará o outro livre, amando-o e respeitando-o como ser humano, sem ter que possuir seu amor e admiração. Este é um passo decisivo, meus amigos; na realidade é mais dramático do que qualquer coisa que possa ser vista de fora. Ele os lançará escada acima em direção às alturas que poderão alcançar um dia; mas não se evitem este passo aparentemente trivial e pouco dramático. Desta forma serão capazes de realmente aplicar os grandes conceitos da verdade universal sobre o amor na sua vida prática do dia-a-dia, exatamente aqui e agora. Isto é possível para vocês agora. A meta final ainda não. Vocês ainda não são capazes de esquecer inteiramente de si mesmos, de nunca pensarem em si, de não terem um pouco de egoísmo e vaidade. Querer alcançar a grande meta com todos estes sentimentos ainda presentes não só é irreal como também impossível, portanto, desencorajador. Aprender duramente sobre suas emoções através de uma análise diligente e deixá-las amadurecer gradualmente – são metas atingíveis. Antes que possa realmente amar os outros, terá que aprender a gostar deles e respeitá-los mesmo que você não consiga o que deseja. Para fazê-lo primeiro terá que encontrar onde, bem no fundo de si mesmo, ainda não fez isso de forma alguma.

Como já foi explicado, o amor ideal frequentemente parece similar à submissão fraca e errônea que se finge de amor. É essa trapaça que os assusta – nunca o amor verdadeiro. Mas é impossível sentir o verdadeiro amor simplesmente por ouvir falar sobre ele. Têm que descobrir, dentro de si onde e como você se desvia dele com expectativas e exigências não expressas. Se forem verdadeira-

mente honestos consigo mesmos serão capazes de encontrar essas emoções. Isto se aplica a todos, sem exceção.

Enquanto a criança interna persistir em sua forte corrente de obstinação sutil, emocional e inconsciente, de forçar os outros a se submeterem, construirá através de pensamentos desejosos situações irreais para suas expectativas. Ao fazer isto, você não se permite ver que esta condição talvez nem esteja de acordo com as ilimitadas exigências daquela criança, que construiu essa forma irreal. A forma irreal é um constante jogo de azar, e você teimosamente fecha os olhos para isso. Se não vê o que realmente acontece porque não quer, então como pode confiar em seu julgamento e sua intuição? Sua psique sabe perfeitamente bem que não é correta a forma como percebe a outra pessoa em relação a você, ou a forma como percebe a situação como um todo. Você não vê porque não quer ver. Portanto, você não confia no seu julgamento, nem confia que a outra pessoa corresponderá às suas expectativas. Então, vagamente sente que não confia na outra pessoa. Este é mais um fator que faz com que evite amar na totalidade. Como pode amar exclusivamente como acha que deveria (pois é o que espera) se não confia na outra pessoa? Para confiar tem que se permitir ver se a pessoa e a situação específicas merecem tal resposta. Talvez fosse mais apropriado dar simplesmente respeito e afeição. Desistindo de parte daquilo que você quer (muitas vezes inconscientemente) se dispõe a ver o que é. Com tal atitude, pode perceber a realidade da situação. Depois disso, poderá discernir inteligentemente, e se respeitará não só pela habilidade de desistir de algo que queria, livremente e sem hostilidade, mas também porque será capaz de confiar em sua intuição. Ao estar desejoso de ver o que realmente acontece, você poderá lidar com a situação. Portanto, confiará em si mesmo, em seu julgamento e na outra pessoa. Deixando de subestimar o outro por causa de sua corrente de força, será capaz de ver, observar, perceber e sentir o que é verdadeiro, e não apenas acreditar naquilo que quer que seja verdade.

Quando aprende a confiar em si mesmo e nos outros, amar deixa de ser um perigo. Mas enquanto, deliberadamente, se mantiver cego porque sua criança pensa que desejando algo, assim será, então terá toda a razão do mundo de desconfiar de seu julgamento, de sua escolha e da outra pessoa. Sendo assim, fugirá mais ainda de amar, apesar de achar que não há perigo em ser amado.

Soltar a corrente de força da obstinação resulta em tornar-se objetivo quanto à sua avaliação com relação aos outros e em aprender a ceder graciosamente. Assim, você aprende afeição humana e respeito pela pessoa que se opõe ao seu desejo. Evita construir situações irreais que obstruam sua visão do que realmente é. Fazendo isso, você não só ignora a realidade, mas também a rejeita. Aceitando a realidade e vendo o que verdadeiramente é, sua intuição se tornará mais confiável e sua confiança em si mesmo aumentará.

Fala-se muito em seu tempo e em seu mundo sobre “aceitar a realidade”. Discutimos isto muitas vezes. Todos vocês sabem que sua vida na terra não é perfeita, e este fato deve ser aceito se desejam aceitar a vida e a tirar o melhor dela. Até agora este era um conceito geral. Daqui em diante vocês têm uma real possibilidade de aplicá-lo a um aspecto específico de sua vida interior. Pode ser que algumas pessoas não sintam a seu respeito o que você gostaria – (não estou me referindo simplesmente à relação amorosa entre homem e mulher) – mas essa aparente imperfeição é sua realidade e tem que ser aceita. Quando faz isso, toda a cadeia positiva de reações é posta em movimento, substituindo o círculo vicioso que existia antes.

A intuição é o mais elevado sentido de percepção que um ser humano pode ter. Entretanto,

não pode ser obtida em todo seu potencial enquanto a criança interna não for detectada e permanecer forte. É claro que, enquanto você for um ser humano, o que você chama de intuição nunca será 100% perfeita. Mas no momento em que puder dizer, “Eu não sei com certeza, posso estar errado,” essa disponibilidade de aprender com possíveis erros tornará sua ignorância inofensiva, porque estará consciente dela. Isso também é consciência. Mas se está inconsciente da questão em aberto “eu não sei”, então é nociva. No pensamento consciente “eu não sei” está a possibilidade de ver, aprender e eventualmente, saber. A intuição nunca será uma parede na qual pode se apoiar com certeza inquebrantável. É por isso que é tão valiosa. Pensem sobre isto, meus amigos. É assunto para se meditar.

Quando conscientemente consultarem sua intuição, livres da corrente de força e livres do pensamento desejoso, perceberão certos potenciais, assim como certas limitações; o resto pode ser um ponto de interrogação. Esta atitude promove abertura e prontidão muito proveitosas para outras observações e percepções. É também um sinal de maturidade, porque só os imaturos é que precisam ter uma resposta completa imediatamente; é a criança interna que não suporta deixar nada em aberto, sem resposta, na dúvida.

Você bloqueia sua capacidade de amar devido ao conceito errôneo entre o que é verdadeiro amor e a submissão fraca, porque é isto que quer daqueles que devem lhe amar e à sua falta de confiança nos outros porque lhe falta coragem para ver a outra pessoa, ou a situação, como realmente é. Estes elementos impedem sua intuição de funcionar, pelo menos nas áreas relacionadas ao amor. A coragem de ver o que é, em vez de ver o que quer, melhorará sua intuição, discriminação, percepção e conseqüentemente, seu autorrespeito. Eliminará a incerteza, de forma que quando a situação certa se apresentar, você não precisará ter medo de amar.

A coragem de aceitar aquilo que pode ser inconveniente significa aceitar a realidade, perder o medo de amar e cultivar sua intuição como uma força crescente; significa ter autorrespeito, confiar nos outros com discriminação, conseqüentemente tendo uma percepção mais confiável.

Então, meus amigos vejam como tudo isto está ligado em um único fio. Imaturidade é medo de amar, de um lado e a exigência incoerente de ser amado, do outro. A imaturidade é não aceitação da realidade, porque a realidade não é sempre perfeita ou agradável. A imaturidade exagera a imperfeição de tal forma que fecham os olhos para ela, convidando assim, mais conflitos adiante. A imaturidade faz com que a intuição seja defeituosa e a criatividade também, pois criatividade sem intuição é impensável. Somente quando crescer e aprender a encarar e aceitar aquilo que é – tanto em sua vida diária como em suas emoções, perderá o medo de amar. Esta frase por si só sem estar num contexto, não fará muito sentido. Mas se você a considerar sob a luz das conexões desenvolvidas nesta palestra, o significado se tornará muito claro.

Quando pensa em amar, só pode pensar em um tipo de amor, o mais elevado e o mais perfeito. Ignora que há muitas etapas e muitos tipos, muitos graus e muitas variações. Nessa ignorância, foge do tipo de amor que seria capaz de dar neste momento, e quando lhe é dado, você o dispensa.

Prosseguindo nesta estrada do nosso caminho, começará a funcionar como ser humano de forma diferente, referente a tudo. Sua experiência de vida se tornará mais completa. Estará mais vivo a cada momento! Será consciente de si mesmo e dos outros como nunca pensou que pudesse acontecer. Forças se desenvolverão em você como nunca imaginou que fosse possível: forças criativas,

novas percepções, a intuição crescente lhe trará força e segurança tão grandes como não pode imaginar mesmo agora, depois de todo seu progresso.

Mais uma vez eu digo que estas palavras não são dirigidas ao seu cérebro, mas àqueles aspectos de sua personalidade que descobriu devido ao trabalho feito até aqui, ou aos que ainda descobrirá. Aplique estas palavras às suas respectivas emoções! Nós discutiremos isto de outros ângulos no futuro, quando a necessidade aparecer.

E agora, meus queridos, estou pronto para suas perguntas.

PERGUNTA: Parece-me que com a nova fase, um novo grupo de assuntos teve início nesta estação. Até a estação passada, ainda estávamos falando muito sobre imagens e os vários aspectos relacionados a elas. Agora parece que entramos numa nova fase que eu não consigo identificar.

RESPOSTA: Claro que é uma nova fase. Eu até disse isso antes das férias de verão. Eu disse que lidaríamos com elementos que impedem suas faculdades criativas, de uma forma mais direta do que antes. Não é preciso dizer que qualquer impedimento às faculdades criativas se deve a aspectos negativos e desvios, imagens e conceitos errôneos. Ainda temos que lidar com esses elementos, mas a abordagem é diferente nesta fase como bem percebe e como eu disse algum tempo atrás. Enquanto que na fase anterior nós nos concentrávamos mais nos obstáculos que ofuscavam ou impediam o funcionamento saudável, na fase atual temos a capacidade de juntar as peças e ter uma visão mais geral com relação ao amor, à maturidade e à criatividade. Isto não quer dizer que não discutiremos os detalhes novamente, mas se e quando fizermos isso, a abordagem será diferente.

PERGUNTA: Eu gostaria de discutir algo relacionado à última palestra. Na segunda parte, com relação aos exercícios de concentração, você repete o termo “instruir o subconsciente”. Eu estava imaginando se essa ideia de instruir o subconsciente não é de alguma forma um paradoxo e não pode nos levar a forçar o subconsciente, em vez de nos permitir perceber o que há nele. Eu tenho certeza de que não é um paradoxo, mas gostaria de saber de que forma isto não é um paradoxo?

RESPOSTA: A pergunta é boa e construtiva, porque é fácil ir de um extremo errôneo a outro. A melhor forma de lidar com isso é não usar essa “instrução” como uma força, mas como a expressão de sua vontade interior. Ao mesmo tempo em que pode perceber perfeitamente bem que certas emoções suas ainda não podem funcionar de forma correta pode expressar o desejo de que elas aprendam. Esse desejo deve ser expresso sem pressão ou pressa, mas com calma e a percepção profunda de que as emoções não mudam com rapidez. Uma parte importante dessa instrução deveria ser o seu desejo de se tornar consciente de como, onde e porque suas emoções ainda se desviam; também precisa de uma percepção maior sobre os momentos em que ainda fica confuso e sobre suas perguntas internas não respondidas. Por último, mas não menos importante, você tem que se desapegar de toda a resistência a se enxergar total e honestamente, sem nenhuma restrição. Assim, não impõe reações corretas sobre emoções ainda distorcidas, evitando as armadilhas do autoengano e da autossugestão.

A prece, quando bem compreendida e bem usada, opera de uma forma similar. Quando reza, deveria pedir ajuda para ser capaz de se encarar, ou para ter forças e compreensão quanto ao seu problema atual no caminho. Deveria pedir para conseguir aplicar às pequenas desarmonias do dia-a-

dia, que parecem insignificantes, ao seu trabalho no caminho, de forma a alcançar um insight mais profundo sobre si mesmo. Da mesma forma, você pode dirigir esses desejos ao seu próprio subconsciente, reforçando o aspecto saudável de sua psique, e enfraquecendo os aspectos prejudiciais, infantis e resistentes. Afinal, Deus vive no seu eu mais profundo. Eu presumo que, quando rezam, não dirigem a prece ao céu, mas para dentro de si mesmos. Então, na verdade, não existe uma grande diferença entre a prece e essa “instrução”; só uma pequena diferença de abordagem. Enquanto a prece é dirigida àquela parte de si mesmo profundamente escondida de sua mente consciente – também chamada de supra consciência, ou centelha divina interna – as instruções que mencionei são dirigidas à sua parte mais acessível.

Tais instruções devem lidar principalmente com o desejo de encarar a si mesmo, de entender e assimilar, de ver onde suas emoções ainda se desviam devido à falta de compreensão. O desejo de compreender deve ser enunciado com calma e quietude, não com urgência tensa. Vocês devem ter em mente e aceitar de antemão que mudança e crescimento são um processo lento.

PERGUNTA: Com relação à última palestra, e à palestra sobre “O Abismo da Ilusão”, você diz: “Você é o mestre de sua vida e de seu destino. Ninguém senão você mesmo cria sua própria felicidade ou infelicidade.” Também na palestra sobre “O Abismo da Ilusão”, você afirma que “essa verdade espiritual básica foi obscurecida através do tempo e por uma boa razão.” Você continua, dizendo que “a humanidade em seu desenvolvimento é chamada a alcançar certa compreensão espiritual básica, antes que possa usar esse conhecimento da forma correta, pois se ele for mal compreendido seria realmente muito prejudicial.” Você poderia esclarecer esta afirmação para nós? Acho que isto poderia nos ser útil agora, à luz da última palestra. Parece-me que este conhecimento representaria um grande passo à frente para o indivíduo e para a humanidade, e daria início a todo um novo ciclo de desenvolvimento espiritual para o indivíduo na sociedade, pois a ciência e a filosofia poderiam encontrar unidade na lei espiritual e por conta disso encontrar também uma percepção positiva de estarmos em Deus.

RESPOSTA: Uma de suas perguntas parece ser, qual seria o dano que esse conhecimento e os conceitos errôneos resultantes, poderiam causar à humanidade espiritualmente despreparada. Vamos ver isto primeiro. Aquele que ignora a existência e o poder da mente subconsciente tomará esse conhecimento num nível superficial. Isto pode ser perigoso de duas formas: primeiro, a pessoa que acredita que cria o próprio destino pode, devido a certas circunstâncias e condições cujas verdadeiras origens a pessoa ignora, vir a possuir certo poder. Tal pessoa provavelmente abusaria desses poderes, com base na premissa de que cada um cria sua própria vida e destino. Segundo, a pessoa que não alcançasse esse poder se sentiria extremamente frustrada e seu senso de inadequação aumentaria em vez de diminuir. Somente explorando o significado das emoções até então inconscientes é que o indivíduo poderia adquirir uma compreensão do mundo interior, de suas leis, de sua realidade, e interação entre causa e efeito no relacionamento humano que acontece no mundo interno das emoções.

Portanto, para compreender a verdade da premissa de que o homem cria seu próprio destino, a autopesquisa, a exploração da mente subconsciente é uma necessidade sem a qual a humanidade não pode crescer o suficiente para fazer uso da verdade cósmica, espiritual e universal. Essa verdade, se apenas meio compreendida e digerida, pode ser perigosa e causar dano ao indivíduo, bem como à humanidade como um todo.

A tendência crescente em nosso tempo a aceitar e explorar o subconsciente é uma indicação do desenvolvimento geral, que está aumentando constantemente apesar das armadilhas das incompreensões, e das meias verdades que caminham junto com essa exploração. Isto faz parte das dores do crescimento que todo o organismo vivo atravessa. Enquanto o crescimento e o despertar geral continuam, a humanidade perceberá cada vez mais a realidade do universo interior, passando assim a compreender também o universo mais amplo com todas as suas leis espirituais. Somente pela percepção do universo interior e todas as suas infinitas possibilidades, suas leis justas e lógicas que operam dentro do homem e entre o homem e as outras criaturas, pode um ser humano realmente perceber Deus e a Sua criação. Aí então a unidade será alcançada vagarosamente, laboriosamente, passo a passo. Este será o denominador comum que unirá todas as ciências, todas as religiões, assim como todos os ramos do conhecimento humano que ainda funcionam separadamente neste momento.

PERGUNTA: Eu tenho pensado sobre essas coisas e também gostaria de saber se o esforço persistente da humanidade até agora era para justificar sua existência e se a criatividade da humanidade era usada com esse fim. Em alinhamento com sua resposta, a criatividade combina com a percepção espiritual de sua observação sobre a remoção dos laços que impedem a criatividade, de forma que a alma possa se expressar livremente, de acordo com a lei espiritual. Se nós somos a realidade mais alta, se somos um com Deus, então realmente teremos autorresponsabilidade. Parece-me, ao contemplar o “Abismo da Ilusão” e o que você disse sobre amor e criatividade, que nossa autorresponsabilidade está na aceitação da expressão desse amor e dessa criatividade que têm sua fonte em Deus. Com relação a isto, para alcançar o autodomínio... há confusão aqui, não consigo me expressar...

RESPOSTA: Você poderia tentar esclarecer onde está a confusão? Seria útil se você esclarecesse onde reside a confusão. Eu também não posso responder à sua pergunta se não souber qual é ela.

PERGUNTA: É sobre a autorresponsabilidade e sobre certas fixações filosóficas que temos e que incluem tanto o medo da perda quanto o medo do desconhecido. Isto se liga basicamente ao amor e à confiança como você mencionou esta noite.

RESPOSTA: Veja, o que você disse aqui sobre o medo do desconhecido é um elemento muito importante para a maioria dos seres humanos e em certa medida para todos os seres humanos. Mas o desconhecido se torna conhecido à medida que vocês realmente experienciam todas as coisas sobre as quais tenho lhes falado nestas palestras. Isto exige claro, um esforço muito sério quanto à autopesquisa. Não é suficiente ouvir estas palavras. Isto nunca realizará nada realmente substancial (exceto talvez servir como incentivo para começar), a menos que vivenciem todas as emoções que menciono aqui, que vivem dentro de sua alma. Quando fazem isso, o desconhecido se torna conhecido. Onde ele permanecer desconhecido, perderá sua capacidade de assustá-los, porque agora vocês admitem para si mesmos: “Eu não sei.” Esta é uma enorme diferença.

Percebendo tudo isto, o autogoverno deixará de ser uma “obrigação” e passará a ser um privilégio e uma liberdade, ao passo que a criança interna o rejeita como um perigo desconhecido.

O medo do desconhecido faz com que os humanos distorçam os conceitos verdadeiros fixando os opostos, e assim diminuindo sua verdade. Foi muito significativo que você tivesse colocado as coisas nessas palavras. A verdade é flexível; por sua própria natureza ela não pode ser fixa. Nada que

é verdadeiro pode ser rígido, estático ou fixo. É sempre flexível. Esta própria flexibilidade parece uma ameaça para as pessoas. Elas querem a pseudosseguurança fixa de uma parede de pedra sobre a qual possam se apoiar. Foi essa tendência que fez com que a religião fosse distorcida em dogma. A rigidez satisfaz o medo irracional e infundado que existe na alma humana. Os humanos pensam que aquilo que é fixo é seguro, e o flexível é inseguro. A verdade é viva; como tudo o mais que é vivo, ela é flexível. Então as pessoas temem a verdade, a luz e a vida. A crença de que a flexibilidade é insegura é um dos grandes abismos da ilusão. Na medida em que você progredir neste trabalho, descobrirá primeiro que este medo específico também existe em você e que também se agarra à suposta segurança da regra fixa. Você se sente como se pudesse se apoiar numa parede. Parece um apoio forte; mas, como perceberá um pouco mais tarde, não é. Aqui repousa a confusão sobre a autorresponsabilidade. Quando se apoia na regra fixa, substitui a responsabilidade pela regra. Quando percebe que não existe isso de regra fixa, se assusta porque tem que determinar sempre qual será sua conduta e qual será sua atitude. Com a verdade flexível, a responsabilidade é automaticamente entregue a você. Quando não tiver mais medo da autorresponsabilidade, porque perdeu o autodesprezo e a falta de confiança em si, também não temerá mais a flexibilidade do universo. Não terá que se agarrar a uma lei rígida. Verá a lei flexível funcionando e isto não será mais um perigo para você. A lei ou regra inflexível e fixa é para a criança que não pode ou não ousa assumir sua responsabilidade. O medo do desconhecido vem realmente da insegurança: “Serei capaz de lidar com isto? Meu julgamento será adequado? Minhas reações estarão certas? Cometerei um erro? Ousarei errar?” Em outras palavras, o mais profundo medo do desconhecido é não conhecer a si mesmo. Quando perder esse medo, não temerá a autorresponsabilidade e não temerá a verdade das leis flexíveis do universo. Também não temerá a vida, que é flexível o tempo todo. Por sua própria natureza, a flexibilidade é em última análise, imutável, embora nunca estática.

PERGUNTA: A palavra “medo” apareceu várias vezes esta noite. Você usou as palavras “medo irracional e infundado”. Isto me leva a acreditar que deve haver um medo racional e fundado. Somos ensinados aqui, por exemplo, que o medo tem uma conotação negativa, é uma emoção destrutiva. Lemos nas Escrituras que “o temor a Deus é o início da sabedoria.” E também, no Zohar (Livro do Esplendor) existe uma comparação “do amor e do temor a Deus com as asas de um pássaro.” Eu me pergunto se você poderia falar um pouco sobre estes dois tipos de medo.

RESPOSTA: Estas são duas perguntas e respostas diferentes. A resposta à primeira, sobre o medo racional versus o irracional, é: se você está em algum tipo de perigo, seu medo é saudável. É como um sinal, que lhe dá oportunidade de fazer algo sobre isso, de se salvar do perigo. Em outras palavras, é construtivo e não destrutivo. Sem este sinal de perigo, você seria destruído. Isto é completamente diferente dos medos psicológicos, insalubres, destrutivos, que geralmente discutimos neste trabalho.

Quanto ao temor a Deus, este não tem nada a ver com o medo protetor saudável, que acabamos de discutir. Qualquer referência ao temor a Deus nas Escrituras é devido a traduções erradas e superficiais. Mas as razões profundas do porque de tais traduções errôneas em relação a este tema, têm muito a ver com a imagem de Deus, bem como com o medo do desconhecido. Por um lado, as pessoas necessitam de uma autoridade forte que sustente a lei fixa, porque então não têm que ser autorresponsáveis. Por outro lado, um medo insalubre é gerado, o que sempre acontece quando a maturidade e a autorresponsabilidade não são alcançadas. Quer você tema um Deus vingativo, a vida, outro ser humano, ou a si mesmo, é tudo a mesma coisa.

Externamente, há simplesmente um mal entendido sobre certos termos; na verdade a palavra “temor” significa algo bem diferente. Talvez seria melhor descrito com as palavras “honra” ou “respeito”. O respeito devido à inteligência, ao amor e à sabedoria superiores está além das palavras. Na presença de tal grandeza ilimitada, todos os seres devem estar em admiração e respeito – mas nunca em temor! Ao se deparar com tal maravilha, não se pode evitar a admiração e o respeito. Isto ultrapassa toda a compreensão. A ideia era transmitida por uma palavra que foi erroneamente traduzida como “temor”. Mas não é esse o significado correto. Ficou claro?

PERGUNTA: Sim, ficou claro. Eu gostaria de acrescentar um pensamento que é pertinente e apoia o que você disse. Nos ensinamentos cabalísticos com relação à palavra que nos foi passada como “temor”, a palavra em hebraico é Yir’ah. Esta palavra se liga com a nona das Dez Sephirot (Emanações), e que é indicada como “Fundação”. Esse é o ponto de mudança onde a involução termina e a evolução começa. É aí que começa o movimento para cima em direção a Deus. A percepção de Deus é o início da sabedoria.

RESPOSTA: Sim, isto é verdade. Há outras perguntas?

PERGUNTA: Sim. Qual é a lei psíquica que opera entre a mente consciente e a mente inconsciente? Existe uma linha divisória estrita? E qual é a lei que regula o que fica em baixo e o que fica em cima?

RESPOSTA: Não existe uma linha divisória estrita entre a mente consciente e a inconsciente. Você deve ter notado neste trabalho que frequentemente espera encontrar conhecimentos que lhe eram completamente desconhecidos, mas de alguma forma sabe que está descobrindo agora como um novo conhecimento, ou nova compreensão do significado, não é realmente novo. Você simplesmente estava olhando para o outro lado, mas ele já estava lá. Estava em algum lugar, numa região entre o consciente e o inconsciente. Não há uma linha divisória estrita entre a mente consciente e a inconsciente, o que existe é uma transição gradual, por assim dizer. Imagine toda a personalidade, psique ou mente, tanto consciente quanto inconsciente como uma forma circular. Quanto mais evoluída e desenvolvida a pessoa se torna, mais essa forma se torna livre de neblina e névoa. Quanto menos desenvolvida é a pessoa, maior a parte envolvida pela neblina. A parte que funciona conscientemente é uma área menor. As filosofias e ensinamentos espirituais usam o termo “elevar a consciência”, que significa exatamente isso. Se você visualizar essa forma imaginará que quando a consciência se eleva, a forma sai da névoa da inconsciência. Gradualmente a neblina recua. Você se torna cada vez mais consciente de si mesmo. Como o universo está em você, e você é um universo em si mesmo, a consciência universal só pode ser obtida pelo próprio processo de autobusca através do qual faz a neblina recuar. Não poderá obter consciência concentrando-se em coisas que aprendeu só com seu cérebro. Isso pode ser valioso como uma ferramenta no trabalho de autobusca, que é o processo de fazer a névoa recuar, a fim de que a parte que estava inconsciente se torne consciente. O que determina se as coisas estão escondidas ou conhecidas é, falando-se no geral, um elemento básico: sua vontade de encarar a realidade; encarar a si mesmo; a vontade de mudar e amadurecer em face de todas as consequências passageiras, aparentemente desagradáveis.

PERGUNTA: A paciência obstrui a ambição?

RESPOSTA: A paciência se for realmente paciência e não uma distorção, como por exemplo, a inércia, não será obstáculo a nada. É claro que as pessoas frequentemente fazem de um defeito,

uma virtude. Aqueles que são inertes podem se enganar e pensar que são pacientes. Aqueles que são impacientes podem se enganar e pensar que são ativos e energéticos. Portanto, é sempre uma questão de descobrir a verdadeira tendência ou emoção. Nenhuma qualidade positiva pode ser jamais, prejudicial. A impaciência, entretanto, impedirá a realização da ambição, porque a impaciência é uma forma de imaturidade. É a criança que quer tudo, não só conforme sua própria vontade, agora, já. A criança não pode esperar. Como expliquei da última vez, a criança só vive no agora, mas de uma forma errada. Ela não sente a realidade do amanhã, portanto, acha que o que não é realizado agora não conta e não tem realidade. O ser maduro pode esperar. Percebe que se a meta desejada não é alcançada imediatamente, deve haver razões para a demora. Algumas dessas razões podem estar no “self”, de modo que o tempo de espera pode ser usado construtivamente para encontrar e eliminar essas razões. O tempo que se gasta esperando, será usado para obter insight, a habilidade ou a compreensão que era necessária, mas que estava faltando. Portanto, a paciência se for puramente construtiva – não inércia, inatividade ou preguiça – só pode ser vantajosa. A verdadeira paciência saberá sempre discriminar. Algumas vezes, o indicado é simplesmente esperar; outras vezes, agir será o correto. Mas a paciência prevalecerá também no momento da mais concentrada atividade, porque ela é na verdade, um estado interior e não tem nada a ver com a manifestação externa. A pessoa que age pode ser paciente internamente. A pessoa que externamente está completamente inativa pode estar num estado de impaciência interior. Ficou claro?

PERGUNTA: Sim, obrigado. Eu gostaria de ouvir uma definição de paciência.

RESPOSTA: Há muitas definições. Mas, dentro do que discutimos agora, eu gostaria de colocar desta forma: a paciência sabe que não se pode ter exatamente o que se quer, no momento em que se quer. A paciência não é prejudicada pela pressão, tensão ou ansiedade da alma. Se fizer uma análise, descobrirá através da experiência de suas emoções que a impaciência, sempre que aparece está acompanhada de sentimentos como tensão, ansiedade, pressão interior – baseados em um sentimento de inadequação e conectados com a sensação de: “eu não serei capaz de conseguir “ seja o que for. Isto é impaciência. A paciência só pode existir em uma pessoa seguramente madura, que conhece suas limitações, mas que, conhecendo também seus potenciais, confia em si mesma. O estado de maturidade que é sua meta trará entre outros ganhos, a paciência.

PERGUNTA: Eu gostaria de voltar para a pergunta sobre o medo e o mau gerenciamento do instinto com relação a isto. Para nós, o instinto é natural no ser humano que está funcionando normalmente. Você poderia comentar sobre o mau gerenciamento do instinto com relação a isto?

RESPOSTA: Isto está ligado à questão da confiança em si mesmo, como discutimos antes. Se você se opõe aos seus instintos por causa dos desvios que estamos discutindo, não está confiando neles. Com muita frequência descobriu que seus medos eram injustificados, que como consequência deixa de prestar atenção a eles quando talvez existam boas razões para que o faça. Então, acaba sendo tomada pelo medo sem saber quando deve confiar em sua intuição ou instintos, e quando não. Quando não é governada pelo medo infundado, no momento em que o medo aparece é capaz de questioná-lo inteligentemente, em vez de enterrá-lo.

A última palestra bem como esta, devem lhes fornecer boa quantidade de material para seu trabalho, e também para perguntas e discussões.

Sejam abençoados, todos vocês, meus queridos. Que possam encontrar o caminho para a ma-

turidade e o amor descobrindo onde, como e por que não estão amando. Que possam encontrar a coragem de se libertar dessa carga desnecessária que é temer o amor e a vida. Vão em paz, meus queridíssimos amigos, estejam em Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.